

Farinha
lactea

Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida
na Exposição Agrícola de Lisboa

UNION MARITIME E MANNHEIM

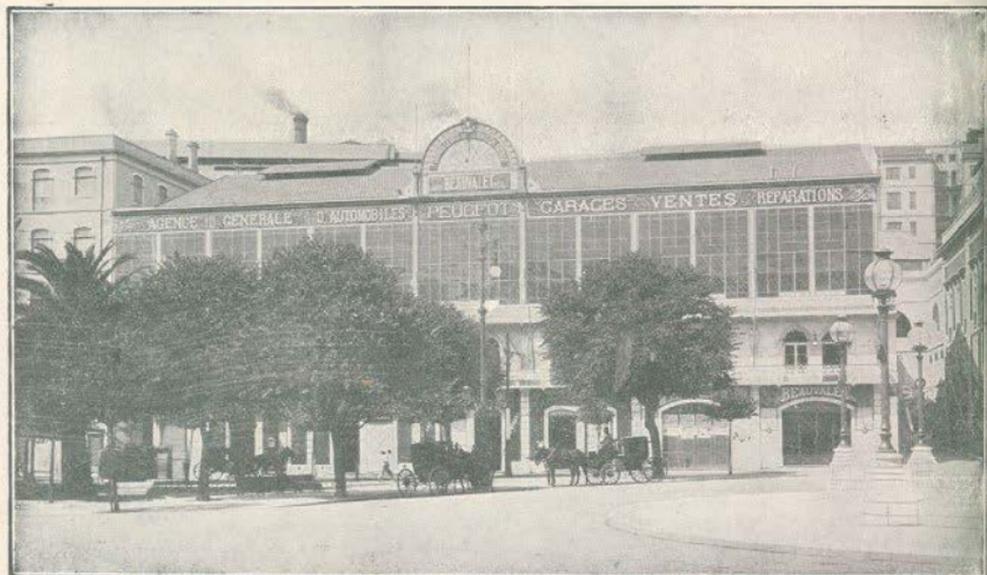
Companhia de seguros postaes, maritimos e de
transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua da Prata, 59, r.ª, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C.ª

*** RUA DA PRATA, 59, 1.ª — LISBOA ***

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.ª Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!!
Fazemos nascer
cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias.
Garante-se que não é nocivo.

Remette-se com toda a discreção

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante.

Temos levado com o nosso báisamo Mootcy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debalde!

Homens notaveis e não notaveis, todos nos teem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia é o nosso Mootcy conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o Mootcy é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de 2 porções.

MOOTCY DEPOT Dittmar Koelster, 3, Hamburgo, 133
O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa



uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fór verdade pagamos ao comprador 300\$000 (trezentos mil rs.).

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes teem escripta a palavra Mootcy.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

Discos SIMPLEX

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. PEDIR CATALOGOS a

J. CASTELLO BRANCO

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA

O PERCURSO DO RAID



VILA REAL DE TRAZOSMONTES



Vista geral de Vila Real

VILLA REAL, como muitas das maravilhas que a antiguidade legou aos seculos, desde a figura errante de Homero, vagamente affirmada nos gastos marmores de Paros, à amphora esbelta de ouro e coral em que Cleopatra saciava a ardencia dos seus labios de deusa amorosa, vive para nós, relativamente à sua origem, meio envolta na indecisão nebulosa das probabilidades e das lendas. E no entanto Villa Real não tem a idade longinqua de Homero, nem os largos annos da amphora preciosa da velha dynastia Lagidas. A sua idade é quasi moderna—não vae além do dominio da fé romana no solo feroz em que nasceram, em que cresceram e engrossaram os troncos fibrinosos das naus da India. Villa Real, ao pé das minúsculas cidades etruscas, acorçadas na suavidade das collinas abundantes, sonhando com os seus deuses sanguinarios d'outr'ora, está apenas na infancia da sua vida risonha e pacata.

A bisbilhotece da Historia, porém, ao vê-la nascer, tão espantada d'ares, tão rica de vegetações, esquece-se de registrar, nos seus papiros vetustos, o anno do seu nascimento, o nome do senhor que a edificára sob o bafo gelado e tonificante do Marão. De modo que hoje, no começo do seculo XX, não podemos fixar uma data, um reinado que nos dê a medida exacta e infallivel da sua fundação.

Mas fôsse ou não fôsse um dos suburbios de Constantim ou de Ponte, as provaveis capitaes da Ponia; fôsem ou não os seus primeiros muros erguidos por D. Sancho II, planeados por D. Afonso III, ou construidos por D. Diniz — hypothese, esta ultima, sustentada pelos seus mais eruditos Plutarchos — o que é certo é que Villa Real está em plena florescencia da mocidade. Nem sequer assistiu à tropeçada tumultuosa do sarraceno, perdido o seu benigno dominio entre o Tejo e a Galliza, fugindo á espada christã, sequiosa do seu sangue ardente.

A fundação de Villa Real é, pois, recente; a sua existencia é historicamente banal. Não tem a engrandecel-a a tradição das edades remotas, o fulgor d'um grande interesse proveniente ao menos d'uma obra, d'um facto assignalado nos destinos da nação.

O mais velho muro do mais velho dos seus edificios conserva ainda, para o olho archeologico dos investigadores sagazes, os vestigios quentes e suados das mãos cálidas que o apparelharam e cimentaram.

Isto quanto á sua idade—que não chega a oito fugidios seculos.

Das suas bellezas naturais nem eu sei o que escreva, que não esteja dito ácerca de todas as povoações d'este e de outros paizes, grandes



Casa de Diogo Cão, em frente à camara municipal



Ruínas do palácio dos marquezes de Villa Real

e pequenas, desde as mais formosas ás menos dignas de registo. Todas ellas, invariavelmente, por uma generosidade copiosamente louvaminheira, possuem panoramas incomparáveis, a vegetação luxuriante de certas regiões exóticas, productos alimentícios de qualidade superior, e um céu anilado, o eterno céu d'anil sem nuvens que só pode comparar-se á doçura do céu da Itália e da maravilhosa Grecia.

Mas Villa Real está, não ha duvida, sob aquelle aspecto, em condições bem excepcionaes. É uma terra soberba de horisontes, de perspectivas variadas, ora cheias de grandeza imponente, ora suaves e risonhas como um trecho cultivado de jardim. A sua maior belleza está, inquestionavelmente, na sua posição topographica. Assente sobre a extremidade d'um vasto e fértil contraforte do Mezio, domina quasi toda a extensa região que se desdobra principalmente para o norte e para o sul, até se perder na mancha violacea d'aquella serra e das serras da Beira Alta. D'entre estas destacam-se os prolongamentos da de Temude, com os seus flancos convulsionadores descendo até ao rio Douro, ingremes e verdejantes, semeados de casas, muito claros, muito alegres, e a ermida da Senhora dos Remedios quasi ao alto, como uma nodosa



Augusto Cesar, redactor do Transmontano

esbranquiçada, meio diluida no fundo longinquo da perspectiva. Os morros do Mezio, ao norte, vistos do Calvario, dão-nos a idéa impressiva d'uma velhania a alvejar, — a capella de S. João de Extremo — perdida entre as curvas colossaes das ondas embravecidas. Depois, a seguir ao Mezio, pelo ponte segue a Picarreira, semelhando um enorme cetaceo adormecido, com os seus serros adustos e escarpados, vincados de longe a longe por profundas rugas que o desgelo de milhares e milhares de invernos tem rasgado na sua face pedregosa. As povoações succedem-se, por toda a sua vertente inundada de sol, cercadas de taboleiros de relva, de campos que trepam ao cimo da encosta, n'uma prodigiosa diversidade de tons, desde o verde tenro e vivo dos terrenos alagadiços ao verde fuliginoso da urze. Envolvendo as povoações e os campos, estendem-se por toda a serra mattas cerradas e fortes de carvalhos, de pinheiros, como formidaveis exercitos compactos a caminho dos serros mais altos, n'uma ancia persistente de liberdade e de luz. E como ultimo remate d'esta cadeia prodigiosa de montanhas, a serra do Marão avança, gigantesca e triste, do flanco sul do Picarreira, mostrando o dorso colossal, irregular, muito calvo, ora brilhando ao sol, recoberto de mica, como um velho me-

esbranquiçada, meio diluida no fundo longinquo da perspectiva. Os morros do Mezio, ao norte, vistos do Calvario, dão-nos a idéa impressiva d'uma velhania a alvejar, — a capella de S. João de Extremo — perdida entre as curvas colossaes das ondas embravecidas. Depois, a seguir ao Mezio, pelo ponte segue a Picarreira, semelhando um enorme cetaceo adormecido, com os seus serros adustos e escarpados, vincados de longe a longe por profundas rugas que o desgelo de milhares e milhares de invernos tem rasgado na sua face pedregosa. As povoações succedem-se, por toda a sua vertente inundada de sol, cercadas de taboleiros de relva, de campos que trepam ao cimo da encosta, n'uma prodigiosa diversidade de tons, desde o verde tenro e vivo dos terrenos alagadiços ao verde fuliginoso da urze. Envolvendo as povoações e os campos, estendem-se por toda a serra mattas cerradas e fortes de carvalhos, de pinheiros, como formidaveis exercitos compactos a caminho dos serros mais altos, n'uma ancia persistente de liberdade e de luz. E como ultimo remate d'esta cadeia prodigiosa de montanhas, a serra do Marão avança, gigantesca e triste, do flanco sul do Picarreira, mostrando o dorso colossal, irregular, muito calvo, ora brilhando ao sol, recoberto de mica, como um velho me-



Vista de um arrabalde de Villa Real, tirada de S. Diniz: ao fundo a Serra do Marão

tal fôco, ora reflectindo a alvura fria da neve, com as cristas agudas perdidas na cabelleira branca das nuvens.

Uma variedade immensa de panoramas se desenrola em volta, n'um circulo vastissimo, em que os contrastes são os mais flagrantés e intensos, indo da elevação phantastica e caprichosa do penhasco agreste á doçura rumorosa e idilica do valle exuberante, com as suas hortas frescas, os seus pomares viçosos, a serenidade do seu ar macio, que refresca e consola os pulmões. E a villa resalta esplendidamente d'entre este scenario variado e rico, cheia de luz e de alegria, soberba de graça ao cimo dos taboleiros de vinha fresca e de sabugueiros frondosos, que a cingem e que descem, quasi a prumo, n'uma altura de centenaes de metros, até ao leito estrangulado e rochoso do Corgo e do Cabril.

Villa Real não possui monumentos architectonicos de vulto, nem sob o ponto de vista archeologico, nem como



Uma criada de Villa Real transportando agua

manifestação artistica. A epoca em que foi fundada, além de relativamente recente, não se prestava a arrosos e emprehendimentos d'Arte. Estava-se em pleno periodo da reconquista, sob a influencia cavalheiresca e guerreira da Edade-media, os espiritos absorvidos pelo ardor das suas luctas e pela densidade das suas trevas — apenas rasgadas, n'uma ou n'outra cidade, pela refulgencia espiritual e germanica do gothico. Não se encontra atravez das suas ruas, das suas praças, um unico edificio grandioso e forte, ou sequer d'uma edade tão remota que recue a imaginação para as epocas feudaes da sua origem, n'um sonho evocador de todo o seu passado. Apenas o palacio, em ruinas, dos marquezes de Villa Real se destaca do typo uniforme e banal das suas construcções. Muito afastado dos muros da villa velha, de construcção muito posterior, pois que as janellas da fachada que dá para o poente são puro estylo manuelino, como de resto toda



Rio Corgo (Avelledas)



Vista tirada do cemiterio de S. Diniz, reproduzindo o deslumbrante panorama do lado da Regoa

essa fachada, desde os alicerces ao dentado esbelto das ameias, elle revela uma tentativa que infelizmente não se reproduziu. Ficou só, completamente só, entre o casario desgraçado e acanhado que o cerca e a monotonia rígida e pesada dos conventos e das

egrejas. A propria Capella Nova, com a sua vistosa frontaria sustentada em quatro poderosas columnas de granito, com os seus arabescos em baixo relevo, com o seu S. Pedro lá ao alto, enorme e denegrido, a thiara pontifical, a cruz de Trea Regno na mão



Hospital da Misericórdia

(PHOTOGRAPHIA TEIXEIRA)

direita e o manto de pedra agitado n'um movimento de propheta, não passa d'uma obra rocóco e inestética do fradresco seculo XVIII.

E agora que me referi ao palacio dos marquezes de Villa Real, vem a proposito um facto que revela o mais profundo desprezo ou a maior irreverencia pela integridade esthetica d'aquelle edificio. Uma parte da fachada, a mais perfeita e completa, com a sua larga janella central em columnas retorcidas, muito delgadas, d'uma elegancia leve de espiral, e o escudo de Villa Real, no remate superior, entre flores delicados, foi reconstruida ha uns quatro ou cinco annos. Limpam-na do musgo secular, substituíram cuidadosamente as ameias quebradas e cobriram-lhe o telhado — parece uma ironia do seculo XX lançada á face veneranda do seculo classico do nosso esplendor — da mais berrante telha de Marselha! E' como se resuscitassemos o proprio rei Venturoso, com o seu ar austero de seithor absoluto, o seu gibão escarlate, o calção esticado apertando a meia grosseira de lã, e sobre a cabelleira annelada lhe plantassemos um luzidio chapéu alto, marca Costa Braga.

A telha de Marselha está destinada a representar o mais dissolvente papel em face da arte, na minha provincia. Chega a gente a ter vontade de se encarnar, por um momento ao menos, no espirito catholico d'um pontífice romano, para a fulminar sob a inclemencia d'uma excom-munhão que a relegasse d'estes reinos orthodoxos. Pois se até a utilisaram, ultimamente, para cobrir a capella romana ou arabe da Senhora de Guadalupe na antiquissima povoação de Ponte — uma das suppostas capitaes da Pano-nia!

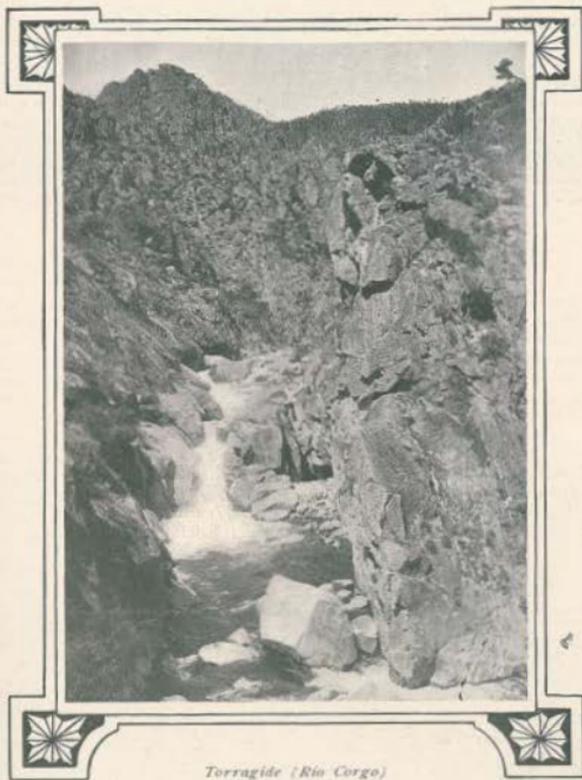
E a verdade é que a maior parte dos desacatos que em Villa Real se teem commettido, e continuam a commetter, contra a coherencia esthetica d'aquelles monumentos e contra a belleza geral da terra são devidos aos seus municipios que, salvas as raras e consagradas excepções de sempre, não ligam a melhor importancia a taes assumptos. D'isto são prova

não só aquelles dois factos, mas ainda o bairro que começa a construir-se junto da estação do caminho de ferro. Devendo obedecer a um plano geral harmonioso e perfeito, tem sido deixado ao arbitrio, ao gosto inulto e conforme com a maxima commodidade de cada um. Assim, n'um bairro inteiramente novo, que podia constituir dentro em pouco um trecho de cidade moderna elegante, denunciando ao menos um manifesto desejo de solidariedade com as tendencias artisticas da epoca, os predios vão-se accumulando na mais confusa desordem. E o peor é que não se encontra entre todos elles um só que se imponha pela estrutura architectural, ou pela fidelidade a um typo definido.

Uns atarracados, como que com medo de se erguerem no ar purissimo e luminoso, com telhados multiformes e frontarias de casa de cartão colorido; outros com o seu ar bonacheirão e pelintra de estações ferro-viarias provisórias e fortes doses de tinta côr de rosa; outros ainda não indo além de microscopicas cantinas destinadas ao commercio barato de vinhos e petiscos a retalho, e todos elles, cobertos á maneira de *chalet*, são d'um aspecto desagracioso e característico que causa verdadeira dôr.

Que bellissimo bairro ali se podia edificar, se a essa obra se associasse um pouco d'amor pela arte de conceber, de delinear e de construir... Porque Villa Real, nem eu sei bem porque, talvez pela sua situação magnifica, talvez pela alegria esparsa que irradia

da propria exuberancia dos seus encantos naturaes — o que lhe dá a graça d'uma mulher muito fresca e muito nova, sempre risonha — talvez ainda pela disposição das suas ruas irregulares, mas largas e suaves, abertas amplamente á grande luz d'um céu lavado e glorioso e ao ar vivificante das suas montanhas, oferece no seu conjunto, apesar de tudo, a impressão mais suggestivamente agradável. Calcule-se, portanto, o que ella seria d'aqui a alguns annos, com um bairro novo em que a linha architectural das construcções e o traçado das ruas, largas, regulares e arborizadas, correspondessem ás exi-



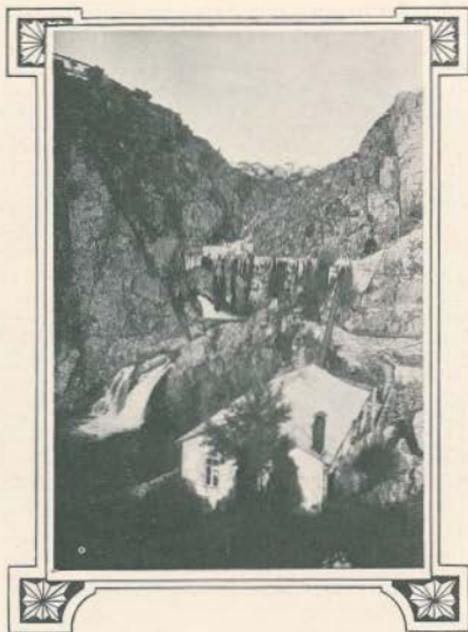
Torrageide (Rio Corgo)

gencias da arte e do bom gosto. . . Seria, sem exagero, uma das terras mais lindas de Portugal.

O primeiro jornal periodico de Traz-os-Montes viu as contingencias da publicidade em Villa Real, no anno de 1873. Chamava-se *O Transmontano*, trazendo o cabeçalho o sub-titulo de «folha democratica». Traz-os-Montes entrou, pois, nas luctas da imprensa sob o estandarte rubro da democracia.

O seu fundador, Augusto Cesar, conseguiu sustentalo, por um esforço heroicamente decidido, durante o periodo de vinte e quatro annos — até ao dia da sua morte. Era um jornal de pequeno formato, com um numero restricto de assignantes, attendendo á sua orientação politica e ao seu feitiço especial de folha provinciana — inteiramente arredada da intriga mesquinha, da bisbilhote capciosa que vae desde a casa humilde e eleiçoiera do regedor ao predio estucado, de azulejo decorativo e severas persianas de damasco, do palacete do governador civil.

Augusto Cesar, por temperamento e por systema, manifestou sempre a maxima repugnancia por esse



Um aspecto da fabrica productora da luz electrica

processo rasteiro de armar á popularidade. Não possuindo uma illustração tão vasta que pudessem lançar-o no torvelim agitado dos largos problemas sociaes, abordava-os no emtanto, superficialmente mas sensatamente, afastando-o assim da discussão local do visinho ou do cacique. Tinha a intuição das grandes verdades e dos grandes sonhos, seguindo, como um illuminado, a gloriosa trajetória das idéas e dos factos do ultimo quarto do seculo XIX. E em todo um ardor, uma singular e firme de apostolo e de discipulo que o tomavam, que o alestavam na sua jornada de crente e de sincero.

Como apostolo — olhar triste e mortificado e envolvido carinhosamente a sua terra, o seu paiz, n'um desejo instafiteido de felicidade, de prosperidade — pregava, disciplinava, incitava o fracos, tinha coleras de revolta para os traidores. Como discipulo, escutava attentamente a palavra dos mestres, ou viesse temperada pela ardência impetuosa da alma portugueza, ou a impregnase o doutrinarismo rigido, frio, do espirito germanico.

O *Transmontano* era o seu unico meio de convivencia social. Só atravez das suas columnas, na sua



Estação de Villa Real: ao fundo a Serra do Marão coberta de neve



A Peneda: ao fundo as instalações da electricidade

fôrma vagamente lamartineana, elle falava aos homens do seu sonho, da sua esperança sempre viva.

Augusto Cesar era um torturado e um mysantropo — fechava-se no mysterio da sua vida, como um senhor feudal e taciturno nos muros impenetraveis e negros do seu castello. E d'ahi as lendas que lhe

envolviam o nome, tornando-o para mim e para os rapazes da minha idade uma especie de duende, vindo de paizes ignorados e tenebrosos, com o seu alto busto vergado e a longa cabelleira negra pouzando sobre os hombros. O proprio cão que o acompanhava sempre, avolumando ainda o seu ar lenda-



Capella Nova

rio de personagem romântica, parecia trazer sob a pellagem negra e luzidia a mesma mysteriosa tristeza do seu dono e seu amigo.

Dizia-se que um grande amor infeliz lhe queimára a mocidade — amor tão infeliz que a noiva morrerá d'umatísica. D'ahi aquella renuncia indissipavel pela convivencia da sociedade, por qualquer contacto humano que pudes-se tonificar-lhe a alma ao sopro fresco e consolador do menor allivio.

Dizia-se tambem que elle ia, em certas noites, a horas mortas, sentar-se junto das grades do cemiterio, n'uma evocação dolorida e angustiada dos seus dias felizes — esquecido do mundo, esquecido de si proprio, do seu unico amigo, que se lhe enroscava aos pés, resonando no silencio e na escuridão.

Augusto Cesar deixou uns cinco pequenos volumes, novellas ingenuas impregnadas d'um lyrismo sentimental e doentio, que parecem corroborar a lenda amorosa que o seguiu até á sepultura.

Recolhido na sua amargura, como na densidade d'uma muralha de bronze, creio que nunca a revelou a quem quer que fôsse. De modo que o mysterio e a lenda que o envolveram em vida pairam ainda, impenetravelmente, em torno da sua memoria e do seu nome.

Só não ha lenda nem mysterio na sua fé politica, na sua doutrina revolucionaria, toda banhada dos

sonhos melancolicos de 48, na intransigencia d'uma honradez victoriosa dentro de todas as contingencias e de todas as crueldades do destino.

Um dia, a estupidez selvagem e má d'um agente municipal matou-lhe o cão, o seu unico amigo. Augusto Cesar soffreu com essa morte um embate violento e rude. Pouco depois morria tambem. E a imaginação popular, simples e commovida, deu desde logo novas tintas, mais carregadas, novos traços, mais doloridos, á lenda intima do velho democrata.

— Matou-o a saudade. . . — affirmava-se.

Até no episodio final da sua vida, Augusto Cesar nos deixou no espirito a impressão estranha d'um heroe sombrio de romance.

Coimbra, 24 — 3 — 1907.

ALBERTO DE SOUSA COSTA.



Chafariz em Villa Real



Ponte de Almodena

MEMÓRIAS DO Chete Jacob



A casa da rua das Olarias, n.º 60

(CONTINUADO DO N.º 76)

COMO SE DESTRENÇA UMA MEADA — O TERROR DA MOEDA FALSA — AS MANHAS D'UM POLÍCIA CELEBRE

O velho Jacob gosta immenso de m: perguntar, depois de expôr os casos, como iria descobrir os culpados, e de ante dos meus embaraços, elle tem um fulgor nos seus olhos que os grandes oculos tornam ainda mais brilhantes.

Confesso, porém, que se no crime do beco da Barbaleda mais ou menos me admirei de ante da sua forma arguta de procurar o enredo das paixões, agora, depois de lhe ouvir a exposição d'esse roubo em que havia tão flagrantos motivos para se acreditar na culpa dos presos, ainda mais pasmado fiquei ao pensar que elle ia sem dados metter-se na aventura.

— Como começou, sr. Jacob?! perguntei-lhe muito anciosamente.

— Por vér a nota do occorrido e por vigiar as amantes dos homens presos. A primeira parte fil-a por absoluta necessidade, a segunda por descargo de consciencia.

— Para que carecia da nota?! Não conhecia o crime em todos os seus detalhes!

— Não sabia, por exemplo, que especie de dinheiro era o roubado e assim vi que novecentos mil réis eram em papel, notas de cem, duzentos em libras e trezentos em moedas de cinco tostões com a effigie de D. Pedro V e novas, que estavam guardadas n'um sacco de luhagem ao fundo do bahu.

Todas as noites, depois do serviço a que era obrigado, dormia um pouco, e lá pelas duas horas da noite começava a minha policia particular.

Dava estafas enormes da minha casa até Belem, embrulhava-me n'um capote por aquelle inverno rijo e galgava a Junqueira, subia as Salesias, chegava ao Casal dos Ossos, lá em cima, um campo negro por detraz da calçada d'Ajuda e por detraz

dos quarteis, logar sem luz onde me podia acoutar.

As amantes dos homens presos viviam ali n'umas barracas; eu ás vezes espreitava pelas frinchas das portellas que o vento abalava, ali sósinho, na escuridão; depois vinha cá para a esquina da Boa-Hora, de olho á mira e ouvido á escuta até que na torre d'Ajuda soavam as quatro. Então era certo vér as mulheres romperem dos casebres, descalças como sempre e de gigas á cabeça, tiritando de frio a caminho da praça, onde iam á sua vida.

Andei n'isto um tempo. Outras vezes aguardava-as em Alcantara na ponte do Caneiro, dava-me o ar d'um homem que ia para o trabalho com o seu saquito do farnel e ia-as seguindo, entrava no mercado e via como ellas pagavam o peixe mudo que compravam para revender. Quasi sempre o faziam com o dinheiro em cobre da vespera, aquelle que apuravam na venda.

Agora, porém, já tinha outra segurança mais arraçada ainda de que quando desconfiara da nenhuma culpa dos homens.

— Que provas tinham contra elles?! Que saltavam de noite da banda da Cordoaria, iam para as amantes e tambem — segundo apurei — para casa d'um musico da guarda municipal onde faziam ceas minguadas; tinham-nos visto á porta da casa roubada e eu podia pensar — e pensava — que as mulheres estavam enganadas.

Que fazer então?! Sim, desde que elles com toda a certeza, apesar das testemunhas, não tinham cometido o crime, quem fora?! E eu pensei que sem duvida alguém que muito bem sabia onde estava o dinheiro e que conhecia os cantos á casa. Alguém da intimidade que dera fé da sabida da rapariga para ir vér as festas e que bem munido d'uma chave falsa entrara, arrombara a mala e levava o dinheiro.

Mas quem?!... Esperei, com uma paciencia que sempre tive, averigual-o em breve.

Aqui o chete Jacob fez uma pausa e exclamou:

— Sabe que eu tive por vezes auxiliares femininas?!

— Oh! ...

— Sim, havia umas raparigas a quem eu pagava para seguirem certas pistas onde eu seria muito notado e onde um guarda o seria tambem...

D'esta vez, disse elle a rir de ante da minha admiração, mandei uma d'ellas espionar a casa, saber quem entrava e quem sahia, seguir os que lá fossem até ás moradas e assim eu tive dentro em dias uma relação dos nomes e das habitações das visitas do meu inimigo, porque não sei se lhe disse que o roubado detestava-me! Cousas!... Por causa d'uma multa!...

Tratava-se de indagar os estabelecimentos d'onde elles gastavam e logo os soube tambem.

Agora ia começar a função!
— Mas, sr. Jacob, como podia saber se elles tinham roubado... O senhor não tinha o numero das notas, não podia distinguir as libras umas das outras e n'esse tempo ellas corriam a granel!...

— Mas tinha outra cousa, meu amigo, e essa era uma verdadeira esparrella se o ladrão não fôsse fino...

— Qual era?

— O terror que toda a gente tem da moeda falsa!

guardadas. O roubado trocára uns pintos por ellas quando os pintos acabaram. Ficaram annos a fio no velho sacco de linhagem, logo ao apparecerem viriam das mãos dos ladrões, já porque na moeda não se fabricavam, pois reinava D. Luiz, já porque as existentes estavam gastas, não tinham o brilho, a côr, o tom d'aquellas! E assim com o terror que ellas seriam falsas atirado aos donos dos estabelecimentos que as pessoas amigas do roubado frequentavam eu chegaria a apanhar o ladrão!



O chefe Jacob faz as suas recommendações ao padreiro da rua das Olarias

S. M. EL-REI D. PEDRO V AO SERVIÇO DA POLICIA
PARA BOM LADRÃO MELHOR POLICIA
UM DINHEIRO QUE PASSA POR FALSO

Na minha cara havia certamente um grande pasmo porque o Jacob com as suas risadas exclamou:

— Sim, o terror da moeda falsa!... Ora calcule que entra n'uma loja com ar mysterioso e diz: Eu sou da policia, sei que fulano faz aqui compras e venho prevenil-o do seguinte: Elle é accusado de passar moeda falsa! O senhor aceite a, que se lhe paga por boa, e diga-me!... Sabe que moedas são?!... Cinco tostões de D. Pedro V novas em folha... São facéis de conhecer!...

Soltei uma enorme gargalhada e Jacob rindo tambem acrescentou:

— Desde muito tempo que essas moedas estavam

Tomou um ar patusco, o chefe, e acrescentou: — Assim puz D. Pedro V ao serviço da policia e assim creei entre a respeitavel classe do commercio um corpo de agentes sem o saberem...

Eu agora ria a bom rir da idéa do velho Jacob que acrescentava:

— Estava lançada a rede e boa rede ella era... Tratava-se de agarrar o peixe que tinha uma ancia enorme de prender.

Mas aquillo demorava-se. Todos os dias, antes de passar para o commissariado, ia dar a volta pelos estabelecimentos como um homem que armou as suas esparrellas e vae vér se já tem a caça á sua mercê.

A's vezes passava pela porta da loja de bebidas onde se encontrava o roubado e via-lhe nos olhos, apesar de toda a sua antiga rixa commigo, — nego-

cio d'uma multa, como já lhe disse, — uma vontade enorme de me falar. Eu ia rua abaixo dizendo commigo que mal sabia o maroto que eu andava em procura do seu dinheiro.

Mais d'uma semana ainda dei volta aos estabelecimentos e sempre encontrava os donos de boa cara a dizerem me:

— Não, senhor, ainda cá não appareceu a moeda falsa!

Recommendava lhes baixinho discreção e silencio absoluto, fazia d'aquillo um caso gravissimo e via nos seus olhos, com o terror, a alegria de estarem mettidos n'um mysterio.

Sabe que toda a gente de vida quieta adora os mysterios?!

Dizia aquillo sempre do mesmo modo e ao cabo d'uns instantes tomava o ar bonacheirão, o seu ar que o fez sempre passar despe cebido na rua e que de tanto lhe serviu para as suas descobertas e disse:

— Mas um dia chegou, eu sabia que elle chegaria— já lh'o disse— em que uma das minhas esparrelas deu resultado.

Ora na rua das Orlarias havia um padeiro, um homem chamado Iglezias, a quem eu dera recado equal aos outros e a casa de quem ia tambem todas as manhãs.

Já tinha entrado fevereiro; eu tinha n'esse dia um caso a tratar mas não deixei de passar. Sempre tive d'estas toimas.

— Então?!..

Com ares aterrados o padeiro sahio do balcão, levou-me para o escriptoriosito que ficava ao lado e tirando da algibeira duas meias corás novas, reluzentes, que pareciam ter chegado n'aquelle momento da Moeda, mostrou-m'as na palma da sua mão honrada. Mas quando eu ia pegar-lhes elle bateu-as uma atraz da outra na pedra da janella e disse convicto de si e para mim desdenhoso:

— Mas d'esta vez enganouse, seu Jacob?!..

— Ora essa, porque?!

— E' que isto nunca foi õi-nheiro falso!.. — exclamou o pobre homem convictamente, com as faces arrepanhadas n'um galhofeiro sorriso.

Eu tomei então um ar serio; encarei com elle, bati o pé e disse-lhe em voz grossa e autoritaria a conter o contentamento que me ia cá dentro:

— Que sabe o senhor d'isso! São falsas! Falsas como Judas..

— Ah! Então vou trocal-as a quem m'as deu! Aquillo recebeu-as tambem n'alguma parte, porque é pessoa honrada..

— Sorri e accrescentei, mzs de bom humor: Não vae nada! Guarde-as que a policia paga-lh'as! E agora vamos ao nome de quem lh'as impingiu!..

Tinha o ladrão seguro— julgava eu — graças a

essa rede complicada que lhe armára e cá dentro o coração saltava-me, ao passo que todo eu parecia outro ao dizer commigo:

— Ah! Que dirá o commissario? Que dirá o commissario?

Já lhe via o ar grave e a figura empertigada, mas via tambem entre as grades do Limoeiro tres innocentes condemnados. E, meu amigo, dizia elle com um suspiro fundo:

— E' horrivel ser innocente e não o acreditarem!..

— Mas como apanhou o ladrão?! Quem era?!

— Ainda me deu trabalho, e á ultima hora eu ia ficando vencido. Foi um grande susto na minha vida.. Oh! Apesar das provas tive um medo dos diabos de me ter enganado!..

Passou os dedos pelo bigode, e continuou a contar o caso do seguinte modo:

UM AGENTE DE POLICIA FEMININO DA FRINCHA AO THESOURO QUAL FOI O AR DO SENHOR COMMISSARIO

Tive que pôr em campo o meu auxiliar feminino. Eu nunca julgára chegar ao fim d'aquillo e agora queria gosar do proximo triumpho. Fui para o meu serviço obrigado, pois de certo não se esqueceu que eu fazia policia por minha conta, e durante todo o dia andei ansioso.

A mulher cujo nome eu ouvira como a que dera as moedas na padaria chamava-se Feliciano, era minha conhecida e morava nas Orlarias, 40. A outra devia segui-la; vir dizer-me todos os seus passos e com effeito á noite narrou-me que a vigiára já nas ruas, já no mercado da Praça da Figueira onde fôra fazer compras.

— E então?! perguntei meio suffocado.

— Trocou sempre do tal dinheiro e tambem na tenda do Avila, na rua do Amparo pediu uma nota de vinte mil réis e trocou-a por corás das mesmas!..

Ah! Compreendo! Quer desfazer-se da parte mais comprometedora do roubo.. As notas e as libras tem outras eguaes.. Moedas de D. Pedro V novas, não ha mais.. Se me demoro uns dias, se não estendo assim a rede ia-se-me a caça, perdia a partida!

Corri logo a casa do Avila mercieiro; pedi para vêr as moedas, deu-me vontade de as beijar e elle dizia:

— Mas o senhor diz que são falsas.. não são.. E' dinheiro bom..

— Pois guarde-o! — exclamei ao vel-o tocar as corás no balcão — sobretudo não se desfaça d'elle sem licença.

Pelas ruas dava-me vontade de pular; crescia-me



Um embuçado, no escuro da noite

a gana de entrar em casa do commissario e obrigá-o a curvar-se, mas ao mesmo tempo queria fazer a obra completa. Era já muito tarde; eu desejava liquidar as cousas no dia seguinte. Entrei no commissariado; fiquei perflado; o Balthazar com a sua costumada gravidade disse-me:

— Quer alguma cousa, Jacob?!

— Ah! Queria sim, queria confundil-o! Mas limitei-me a pedir-lhe um mandado para o juiz de paz dos Anjos dar busca n'uma casa... Era a da Felicianina...

— Que ha lá?! interrogou sacudidamente.

E eu a contrafazer-me balbuciei:

— Julgo que é uma fabrica de moeda falsa!...

— Você tome cautella com isso, veja lá o que

arranja!... — disse ao estender-me o officio e chupando logo uma fumaça do charuto.

Veiu-me outra vez a vontade de lhe dizer tudo, de o obrigar a dar um pulo na cadeia, de o levar a dar as mãos á palmatoria, mas sahi a aguardar a desforra do dia seguinte.

Logo ás oito já eu chamava o guarda que prendera os outros desgraçados e um outro que devia seguir o marido da Felicianina logo que elle sabisse. Fui para a porta aguardar o juiz de paz.

Andava um gato preto a rondar d'um lado para o outro e o meu collega dizia:

— Que raio d'agouro!... Olha o maldito!... E o gato vinha para elle, roçava-lhe as pernas, aterrorizava-o. Eu ria a bandeiras despregadas quando chegou o juiz de paz. O outro resmungava:

— Hoje succede-me alguma... Isto é agouro!...

Pobre diabo, era muito de enquiços...

Foi aberta a porta; o juiz disse ao que ia, citou o caso de moeda falsa. A Felicidade appareceu em camisa; era loura e tinha o seio muito branco. Eu galguei para dentro de casa, falei-lhe ainda em moeda falsa e nas compras que fizera.

— Moeda falsa!... exclamou a rir. — Quê?!... E as compras eram para uma senhora!

— Não culpe ninguem, mulher, eu sei tudo!

E para o guarda, ordenei:

— Rebusque a casa! Traga todo o dinheiro que encontrar!

Chamei-a então de lado; deixei-a pôr um chale

pelos hombros e enfiar uma saia e tive então o goso de reconstituir o seu crime, de lh'o dizer quasi em segredo sobre os seus braços onde cahiam as traças desleitas. Ella entrára na noite da festa no Intendente, na casa que bem conhecia, servira-se de chave falsa roubara dinheiro



Muitas moedas de cinco tostões de D. Pedro V

e por sua causa estavam tres innocentes na cadeia, iam para o degredo!...

— Eu... eu, senhor!...

— Sim — tornei baixo. — Onde está o dinheiro?!

— Não o tenho!

O guarda chegava, dizia-me:

— Nada, não achi nada!... E' o azar do gato preto!...

Tive então medo de não levar o dinheiro ao commissario, de lhe provar só até meio o crime. Vi que a filha d'ella mettia alguma cousa na bocca, e mastigava, apertei-lhe a guella. Era a nota de vinte mil réis que ella cuspiu...

Então rebusquei na casa, por todos os lados, nos moveis, nos colchões. Nada. E quando ia a entrar n'um vão o guarda disse-me:

— Ah! já eu vi...

Tirei d'ali uma farrapagem; bati nas paredes, pedi uma luz e então mettido n'esse recanto, dobrado ao meio puz-me a analysar. Deitei-me; o juiz de paz abarrecido chupava um cigarro cá fóra; o guarda dizia-me:

— Se eu já vi...

Mas eu soltava um grito; acabava de ver uma frincha mais larga nas taboas, metterá-lhe um canivete, saltára um pedaço da madeira que estava bem calçado. Vi terra remexida e com um sachó cavei e com a furia arranquei outra taboa.

(Continúa)



..... com um sachó cavei

ROCHA MARTINS.

DE LOANDA AO CUNÉNE

APRESENTAMOS aos leitores da *Illustração Portuguesa* provas photographicas de clichés tirados n'uma viagem de Loanda ao rio Cunéne, pelo tenente do secretariado militar Antonio Julio Bello d'Almeida, que na qualidade de secretario particular do illustre extinto conselheiro Eduardo Augusto Ferreira da Costa, governador de Angola, o acompanhou n'aquella viagem.

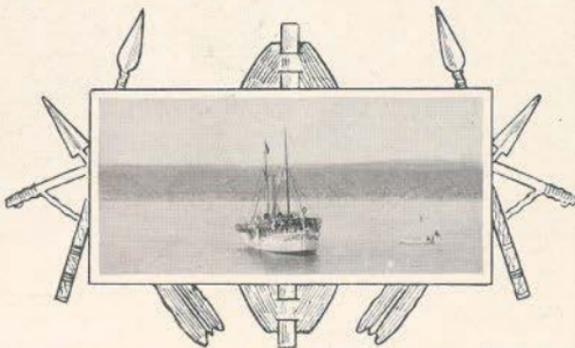
Está ainda bem gravada na memoria de todos a figura sympathica d'este grande vulto tão cedo roubado ao carinho dos seus, ao affecto dos numerosos amigos e admiradores e ao paiz que perdeu com elle um cidadão prestimoso, cheio de intelligencia, e de bom senso e um grande patriota.

As photographias que damos foram feitas

durante a ultima viagem realisa da no mundo por Eduardo da Costa, em que elle mais uma vez mostrou a sua infatigavel boa vontade de servir conscienciosamente o paiz, correspondendo cabalmente á enorme confiança que o governo e os seus admiradores n'elle depositavam.

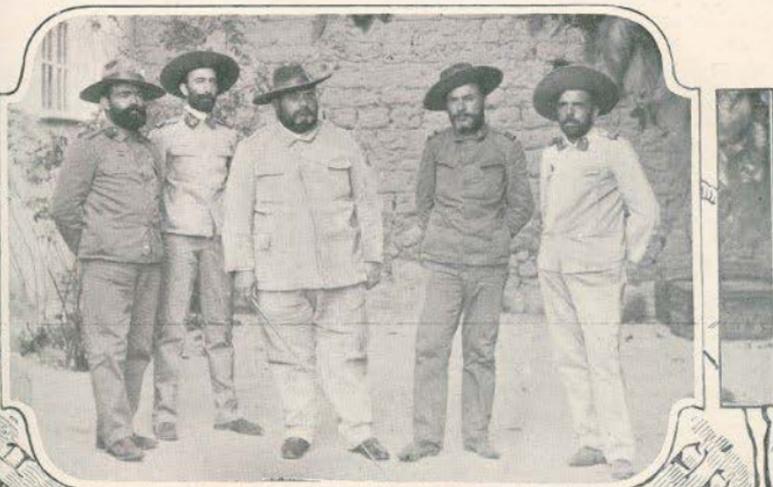
Dois mezes depois de ter assumido o elevado cargo de governador geral de Angola, deixa Eduardo da Costa os seus confortos e as commodidades do seu palacio em Loanda, embarca para Mossamedes n'um dos mais pequenos e

inconmodos navios de guerra, a canhoneira *Limpopo*, por ser o seu transporte n'este barco menos dispendioso para o Estado, e d'aquella villa segue para o interior e d'elle regressa ao littoral, quer a cavallo quer n'uma incom-

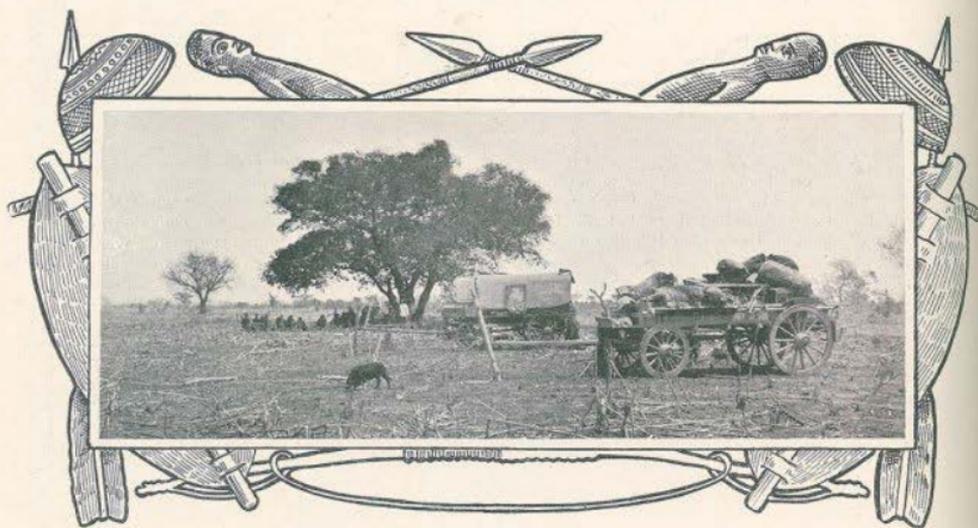


A canhoneira «Limpopo,» em que o governador geral embarcou em Loanda

incommodos navios de guerra, a canhoneira *Limpopo*, por ser o seu transporte n'este barco menos dispendioso para o Estado, e d'aquella villa segue para o interior e d'elle regressa ao littoral, quer a cavallo quer n'uma incom-



Eduardo Costa, com os officiaes que o acompanharam ao Cunéne

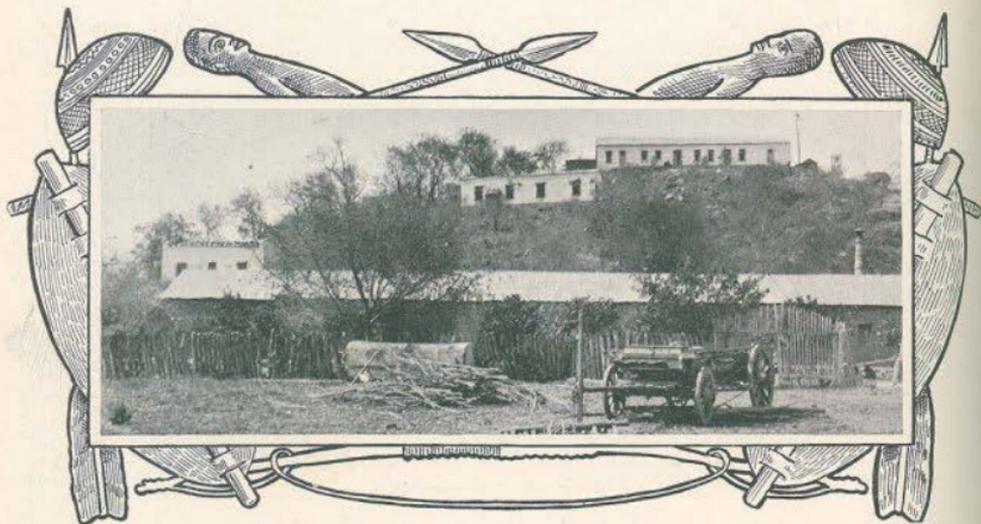


Cachana: Um acampamento

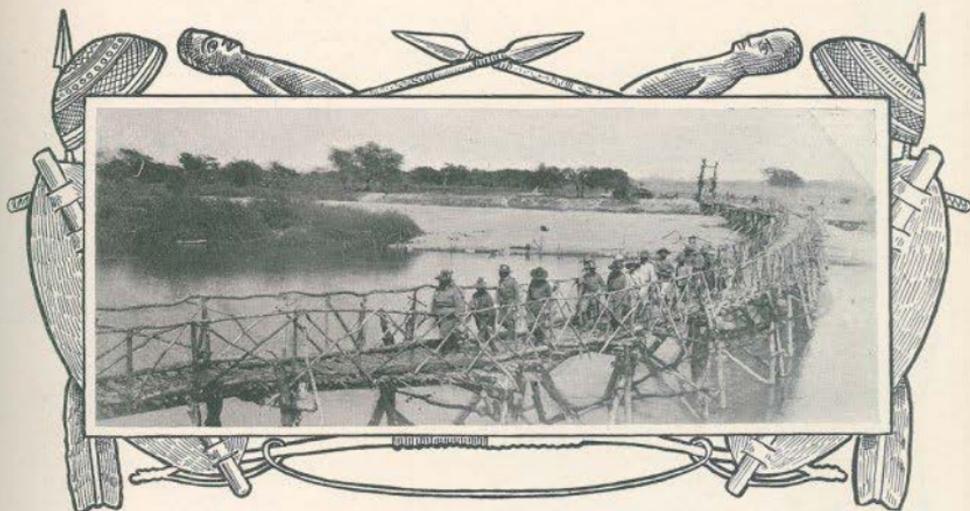
moda *charrelle*, fazendo 1:000 kilometros de pessos caminhos, apenas acompanhado de 4 officiaes e duas ordenanças, percorrendo muitas vezes 60 a 70 kilometros por dia em fatigantes trotes e galopadas, tudo com a mira de conhecer de *visu* as necessidades e recursos do sul da grande provincia que lhe fôra confiada, visitando fazendas agricolas, os centros industriais de pesca, as obras dos caminhos de ferro de Benguela e Mossamedes, a linha de communicações Mossamedes-Humbe e estudando a melhor forma de abastecimento para a então projectada columna de operações ao Cuamato.

A serie de photographias que hoje publicamos são, pois, mais um padrão e um tributo de homenagem prestados ao grande portuguez tão brutalmente extinto e que terão de certo grande e sympathico acolhimento entre os numerosos amigos e admiradores do morto illustre.

Sahido de Loanda em 3 d'agosto de 1906, E. Costa



A missão da Quihita

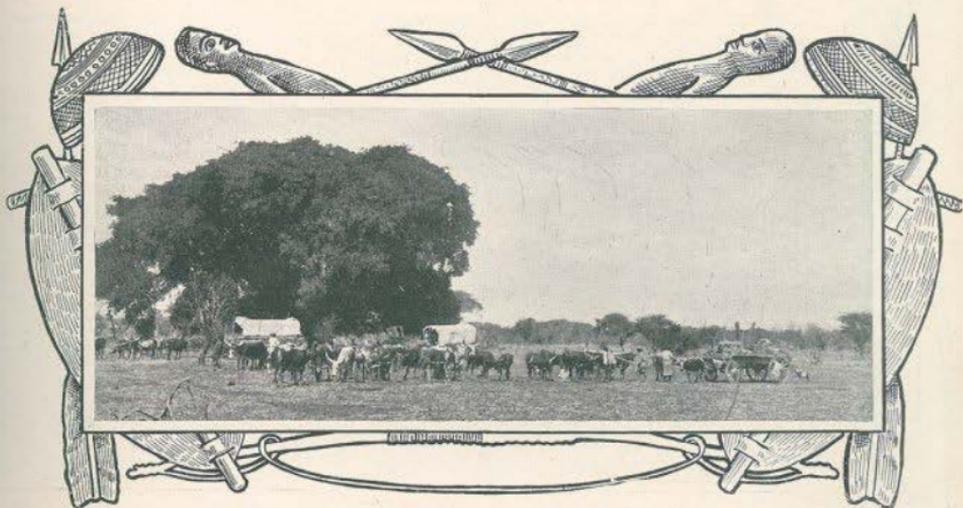


Quamato: O governador geral e o governador do districto da Huilla, acompanhados das respectivas comitivas, atravessando a ponte sobre o Cunene, a caminho do forte Roçadas

regressou áquella cidade em 19 d'outubro, tendo, durante esta rapida embora longa viagem, visitado o Lobito, onde observou os trabalhos do caminho de ferro de Benguella, que lhe mereceram os maiores louvores, e onde assistiu á inauguração do viaducto que tem o seu nome, a villa de Catumbella, a cidade de Benguella, o Dombe Grande, onde percorreu as fazendas agricolas de Santa Thereza do Luacho e Batalha, S. Nicolau, onde visitou as fazendas do Espinheiro e de S. João do Norte, as villas de Porto Alexandre, Bahía dos Tigres e Mossa-

medes, em que tem tomado ultimamente grande desenvolvimento a industria piscatoria que lhe merecia especiaes cuidados e atenções como valiosa riqueza do sul da provincia, o caminho de ferro de Mossamedes em que foi encontrar capitaes defeitos, fazendo propostas de melhoramento de material, alargamento de via, etc., de fórma a tornal-o aproveitavel na conducção de gados e cereaes do planalto para o interior.

A caminho do rio Cunéne, passou pela Pedra Grande, Santo Antonio do Muninho, Biballa, Lu-



Birambundo: O acampamento sob uma enorme incendeira

bango, Humpata, Huilla, Chibia, Quihita, Gambos, Cachana e Humbe e no regresso por Chacuto e Capangombe.

Na sua estada no Lobito, Catumbella, Benguella, Dombe, S. Nicolau, Mossamedes, Porto Alexandre, Lubango, Humpata, Huilla, Chibia e forte Roçadas no Cuamato, assistiu a grandes festas feitas em sua honra, que lhe deixavam gratissimas recordações e em que todos á uma se esmeravam por lhe mostrar a grande sympathia que lhe votavam e a fé ardente que tinham pelos seus valiosos processos de administração.

Como resultado immediato da viagem, fez Eduardo da Costa diferentes propostas de melhoramentos de diversos serviços, criação d'outros e estudo d'um plano de operações ao Cuamato de collaboração com o governador da Huilla, capitão Roçadas, aproveitando o mais possivel os recursos da provin-

cimentos de gloria para o seu auctor e que constituem doutrina de mestre, assim considerada por aquelles que como elle ainda acreditam que o resurgimento de Portugal es-

cia, plano este que foi approved pelo governo e está actualmente em via de execução.

Tão assombrosa energia e tão grandes faculdades de trabalho não quiz Deus se continuassem a manifestar, cortando tão prematuramente uma vida preciosa e de que tanto havia a esperar, trazendo a desolação e a tristeza á sua grande familia e aos seus numerosos amigos, que tantos eram os que d'elle se approximavam e com elle tratavam, e para quem a recordação de tão bondoso caracter fica inolvidavel.

Além de muitos serviços que Eduardo da Costa prestou ao seu paiz e em que arruinou a saude e sacrificou talvez a vida, ahí ficam os seus numerosos escriptos sobre assumptos colonias, que são outros tantos mo-



Eduardo da Costa (último retrato)



Huilla: O soba, com sua mãe e sua mulher



Humbe: O soba com sua mãe e comitiva



Forte Roçadas, que o governador geral foi visitar



Chibia: O commendador Almeida com 21 dos seus 44 filhos. Este distinto africano acompanhou o governador geral em grande parte da viagem, prestando-lhe valioso auxilio, quer como guia, quer como angariador de meios de transporte.

tá no progresso e desenvolvimento das suas colónias.

B. D'A.

O distinto official, colaborador dedicado de Eduardo da Costa, e seu amigo saudoso como o prova a simples mas sentida homenagem que hoje lhe presta na *Illustração Portuguesa*, é também um benemerito peoneiro da nossa Africa, onde tem trabalhado approximadamente ha nove annos, no desempenho de diversas commissões de serviço, entre as quaes devem destacar-se as de secretario do governo e administrador do concelho de Benguela em 1902, quando o illustre morto era governador do districto, cargo em que o sr. Bello d'Almeida o substituiu quando elle foi a Loanda, n'aquelle mesmo anno, tomar posse do logar de governador interino.

Em 1893, o sr. Bello d'Almeida fez a campanha de Langa (Novo Redondo) e em 1897 a campanha dos Bondos (Lunda), tendo então sido lou-

vado e condecorado com a medalha de valor militar, por ter com uma pequena força da guarda avançada d'uma columna, sob o seu commando, adiantado de um dia um itinerario, para socorrer uma companhia de infantaria que havia dois dias se achava cercada pelo inimigo, sem recursos de mantimentos e munições, atravessando para esse fim o campo inimigo sem ser presentido.

Em 1906 o sr. Bello d'Almeida tinha voltado novamente a Angola, na qualidade de secretario particular do malogrado governador geral, e ali exerceu n'esta occasião as funções de administrador do concelho de Loanda.

O distinto official, além da medalha de valor militar, a que já nos referimos, é ainda condecorado com as medalhas de bons serviços, de comportamento exemplar, de serviços relevantes e de assiduidade de serviço no ultramar, — o que constitue, decerto, a sua mais expressiva biographia.

N. DA R.



O sr. Bello d'Almeida

HINTZE RIBEIRO

·A·SUA·MORTE·O·SEU·ENTERRO·

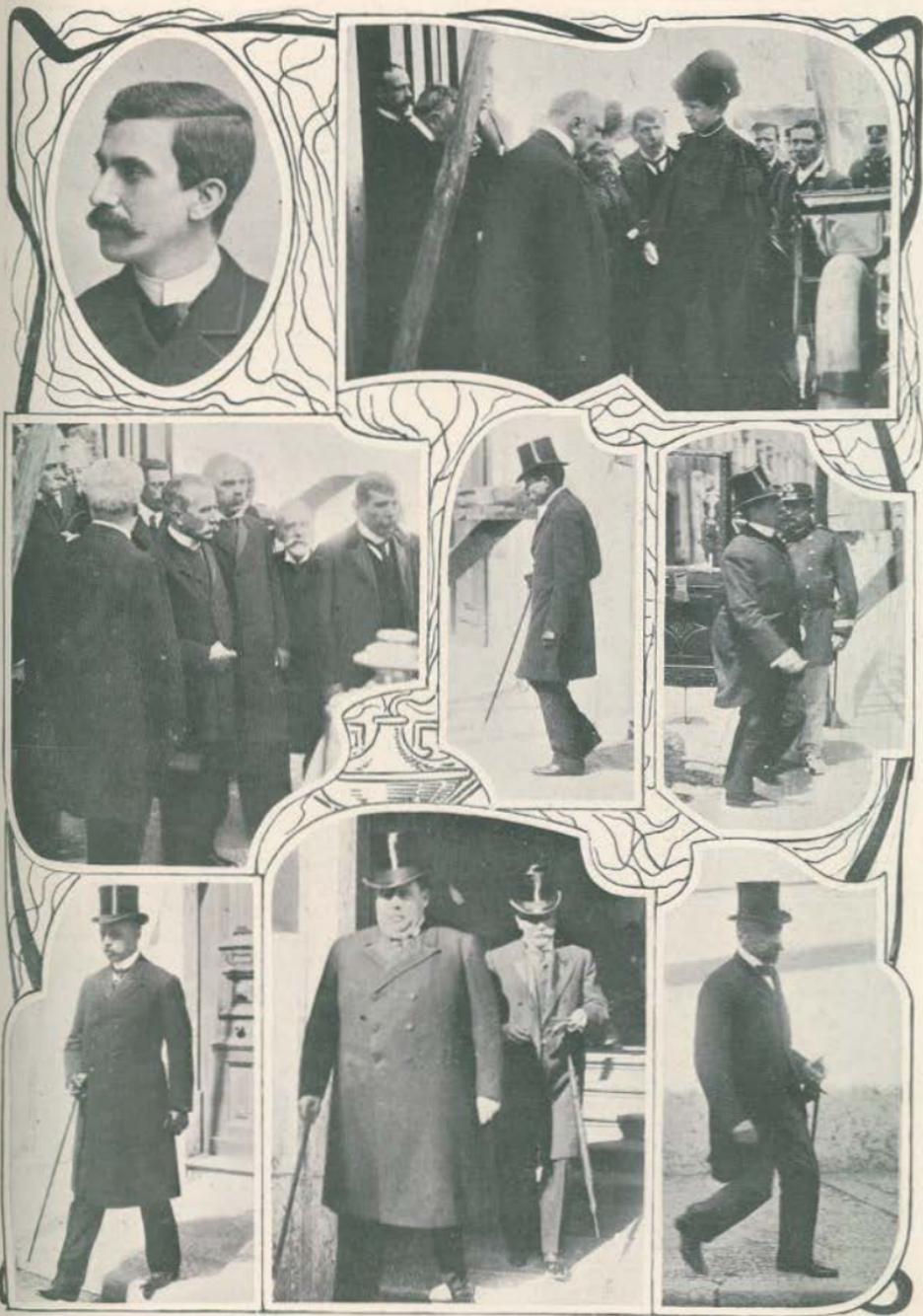


Hintze Ribeiro



As visitas dos políticos á rua de S. Bento, na véspera do enterro

O sr. conselheiro Julio de Vilhena—O sr. marquez do Foyal—O sr. arcebispo de Evora
 —O sr. conselheiro Abel d'Andrade—O sr. conselheiro Pimentel Pinto—O sr. conselheiro Pereira dos Santos
 —O sr. conselheira Moraes de Carvalho—O sr. conselheiro Mattoso Santos
 e sua filha—O sr. conselheiro Pereira de Miranda—O sr. conselheiro Ferreira do Amaral



O conde de Casal Ribeiro (em cujo funeral decorreu o incidente da morte do sr. Hintze)—A chegada de S. M. a Rainha
 —Os ministros de Estado honorarios regeneradores e o sr. conde de Sabugosa despedindo-se de S. M. a Rainha
 a porta da casa do sr. Hintze Ribeiro—O sr. presidente do conselho—O sr. ministro das obras publicas
 —O sr. ministro da guerra—Os srs. conselheiro José d'Alpoim e dr. Francisco José de Medeiros—O sr. ministro de França



O saimento do funeral—O carro das corôas — O transporte da urna para o coche funebre — Os srs. conde de Relondo e Vimioso, conde de Sabugosa e visconde da Asseca, representantes da familia real, no primeiro plano, ao fundo, do lado esquerdo, o coronel Moraes Sarmento, commandante da policia — Os srs. Raul Vianna da Costa, Barbosa Colen, Consigliers Pedroso, conde de Sabroia, conselheiro Antonio d'Azevedo e Theodoro Pinto Basto



Os srs. presidente do conselho e ministro da fazenda, acompanhados pelos srs. Antonio Vianna e Alvaro Chagas (à esquerda) Guilherme Cabello, e José de Abreu no extremo (à direita)—Os srs. conselheiros Bernardino Machado e Augusto Paschini—No cemitério: Os srs. José d'Alpoim com o sr. visconde de Pindella, e o sr. conde de Penha Garcia (com a farda de ministro)—Os srs. conselheiros José d'Alpoim e João Arroyo no cemitério—Os srs. conselheiros Eduardo Vilhoça e conde de Penha Garcia, e os srs. viscondes de Pindella e da Torre (à direita)
—No cemitério: dirigindo-se para a capella



O DIRECTORIO DO
PARTIDO REGENERADOR



O sr. ministro das obras publicas falando no cemiterio, em nome do governo—O sr. conselheiro Pimentel falando no cemiterio—O sr. conselheiro Teixeira de Souza orando junto da sepultura—A comissão actualmente directora do partido regenerador composta dos srs. conselheiros Campos Henriques, Antonio d'Azepedo Castello Branco, Pimentel Pinto, Teixeira de Souza e Wenceslau de Lima

EM LOURENÇO MARQUES

VIAGEM

DE

S.A. O PRINCIPE REAL



A recepção feita em Lourenço Marques ao Príncipe Real foi, sob todos os pontos de vista, verdadeiramente brilhante, como se vê dos telegrammas recebidos. Na Africa Oriental, como na parte occidental an-



Pharol de Cockburn—Um casal de indigenas—Cais Gorjão

tes visitada, o herdeiro da corôa tem sido acolhido com entusiasmo e affecto, que se justificam decerto pela sua alta situação e tambem pela sua sympathica mocidade, mas que se baseiam ao mesmo tempo na esperança dos resultados que é licito suppôr advenham da sua viagem para as colonias.

A verdade é que os vastos territorios do nosso dominio ultramarino e os seus recursos e necessidades não são sufficientemente conhecidos como deviam ser na metropole, e que são até bem poucos os nossos estadistas que se tem dedicado realmente ao seu estudo consciencioso. Por vir a proposito, contaremos



*Edifício da capitania
—Rua Aranyo*

uma anedota expressiva, exactamente a proposito do grande emporio commercial da Africa do Sul que é Lourenço Marques, e cuja authenticidade podemos ga-



rantir absolutamente. Em 1880 preparava-se um tratado com a Inglaterra, que continha a cedencia de Lourenço Marques — Delagoa bay, como lhe chamam os inglezes, — por parte de Portugal. No paiz levantou-se uma natural reacção contra o facto, chegando a ba-



Ponta Vermelha — Rua D. Luiz

ver tumultos nas ruas de Lisboa, com intervenção violenta da policia e da guarda municipal. Houve, emfim, um movimento de protesto unanime da opinião, a que teve de ser sacrificada, e ainda bem, a tentativa de alienação d'aquella colonia. Mas o que havia de inconsciente n'esse protesto! Um commerciante da capital, que escapou ás espedeiradas da municipal esquivando-se para uma escada do Chiado, confessava depois, in-



Mesquita dos mouros

E' evidente que não temos, sequer distantemente, a idéa de admitir hoje o prevailecimento de uma tão fundamental ignorancia a respeito da Africa nacional, mas não ha duvida de que, na quasi generalidade, ainda se fala do «futuro colonial» com muita emphase e... bem pouco conhecimento da causa.

Ora, a viagem do Principe Real não pôde deixar de ser um salutar exemplo



Rotschild da hortaliça

genua e sinceramente, que na occasião imaginava que Lourenço Marques era o nome de um preto.



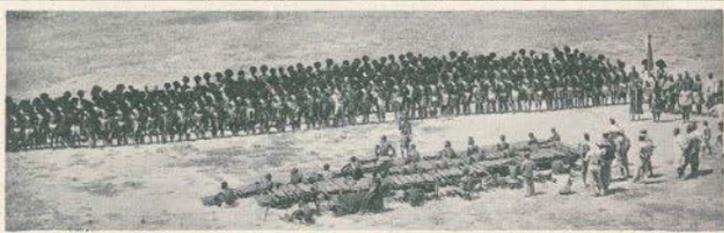
Uma estação do caminho de ferro—Estação de Ressano Garcia



Uma mulata—Mercado Municipal

n'este sentido, e deve esperar-se que seja, igualmente, uma lição suggestiva que se fixe no espirito do joven principe.

Em Lourenço Marques viu o sr. D. Luiz Filippe uma cidade colonial moderna, onde o progresso tem caminhado rapidamente, principalmente nos ultimos annos, e esse spectaculo deve ter inevitavelmente impressionado a sua intelligencia, comparado, principalmente, com o que nos seus olhos reviveria ainda de Loanda.



Um batuque—Praça Mousinho de Albuquerque

UMA BURRICADA AO SABROSO



Das Pedras Salgadas á pequena aldeia do Sabroso, —o Sabroso transmontano e não o outro Sabroso beirão, está de vér,— é um passeio pittoresco, que os grupos da colonia acquista fazem habitualmente de burro, e que, como é natural, não deixa jámais de ser assignalado, além da alegria caracteristica de todas as diversões campesinas, pelos inesperados episodios, que nunca deixam de occorrer em semelhante genero de digressões. Cavalgar em burro é ainda uma sciencia algo complicada, e cuja apre:dizagem, mesmo, é difficil. O burro, demais, se



*A capella de Sabroso—Um burro pachorrento
—Uma paragem da burricada—Preparativos de partida*



Outro aspecto da capella

não será tão grande philoso-
pho e discreto pensador como
a alguns auctores tem aprazido
dizer, o que é, com certeza,
é o animal mais caprichoso e
de mais refinada teimosia que
a cupula dos céos cobre, quan-
do se trata de andar. Tem os
seus carreiros marcados em
todas as estradas, e d'elle
não ha forças humanas nem
divinas que o façam arredar
um passo.

Emfim, quem andou já uma
vez de burro ficou-lhe conhe-
cendo as manhas, que até já
entraram no dominio axioma-
tico, e não se torna, portan-
to, necessario fazer agora aqui
o longo estendal d'ellas. Mas
nada d'isso impede, tambem,
que uma burricada, apesar



*Ponte romana, no caminho das Pedras
Salgadas ao Sabroso*



A caminho do Sabroso

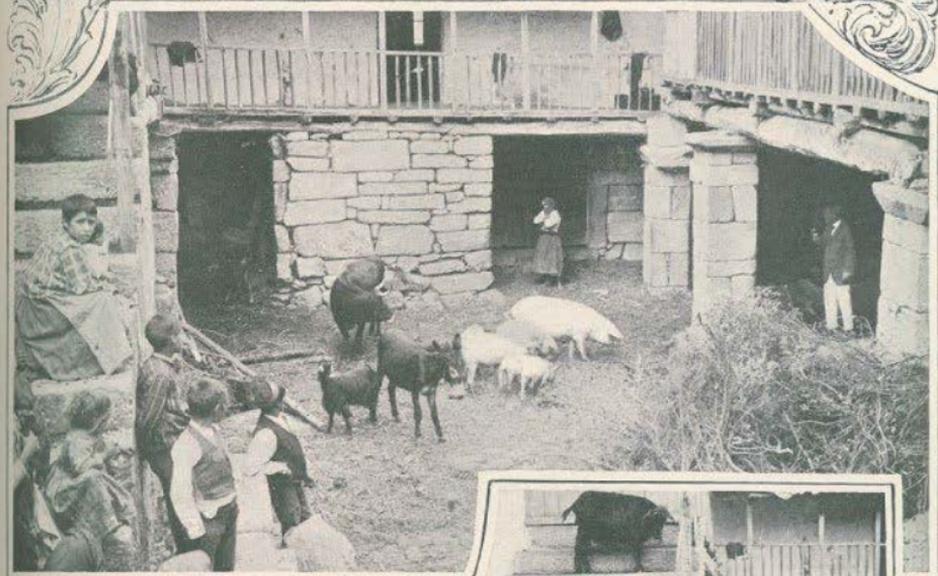
dos precalços de algum desequili-
brio, não constitua sempre um agra-
davel divertimento, de que poucas
vezes se deixa de conservar alegres
recordações.

O itinerario das Pedras Salgadas
ao Sabroso tem, ainda por cima, o
merito de ser interessantissimo, pe-
los magnificos trechos que offerece
da paizagem transmontana, que é
rude e agreste em um ou outro pon-
to, como é proprio da natureza lo-
cal, mas que é tambem formosa e
pujante de vegetação em tantos ou-
tros. Além d'isso, se o facies par-
ticular que apresentam as aldeias de
Traz-os-Montes não deixa de pre- n-



pode deixar de ler-se com pesar e tristeza.

Por mais afeiçoado que um espirito esteja ao materialismo, nunca se acha de todo liberto de sobrevivencias sentimentaes. A evocação dos episodios historicos, que jámais se desliga dos sitios onde elles se produziram, é um testemunho d'isso. E é assim que das coisas inanimadas emana uma poesia inconsciente, que nos penetra delicadamente no coração e nos faz amal-as por um motivo diverso da sua belleza propria, natural, puramente subjectivo e de ordem moral.



*O cruzeiro de Sabroso
— Um curral de uma casa de Sabroso*

der sempre a curiosidade e a attenção do forasteiro, a do Sabroso tem mais, para as despertar, as tradições historicas que possui, ligadas á revolta do Minho de 1846. Foi perto d'ali que foi então assassinado o general escossez Macdonell, que commandava as tropas realistas, enterrando-o o povo, depois, na ermida de Santo Amaro de Sabroso. N'essa pequena aldeia escreveu-se, pois, uma pagina das mais tristes das nossas luctas civis, que ainda hoje, quando lá se vae ler, não



Um grupo de espectadores infantis

FIGURAS E FACTOS



O sr. Raphael Errazuvir, ministro do Chile em Roma, que ha dias passou por Lisboa



A sr.^a D. Emilia Sá Vianna, agraciada com a medalha de ouro pelos servicos que prestou no incendio da rua da Magdalena. A' sua direita o sr. conselheiro Emygdio Lino da Silva commandante dos bombeiros, e seu pae



O poeta Eduardo Meizur, no calabozo do governo civil onde esteve detido



O dr. Silverio José Nery, senador brasileiro e ex-presidente do Estado o Amazonas

Lisboa teve ha pouco como hospedes os srs. dr. Silverio Nery, homem politico brasileiro de merecida evidencia, actual senador do Es-



A sala do banquete

Commensal do banquete que foi offercido no Avenida-Palace em Lisboa

tado do Amazonas e seu ex-presidente, e o coronel Antonio Ribeiro Bittencourt, actual vice-governador do mesmo estado.

Uma comissao de amigos offerreceu ao dr. Silverio um banquete de homenagem no hotel Avenida-Palace.



Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

Parfumerie

AZUREA

L.T. PIVR - PARIS

NOUVEAU PARFUM

PRINCEIA VIOLET

29, B^{is} des Italiens, PARIS

Madame Brouillard

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e phisyonomista da Europa, Madame Brouillard.

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phronologia e phisyonomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desharrolles, Lambroze, d'Arpenligny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. *****

43. R. do Carmo, sobre-loja

SABÃO REAL

Piolet

DE THRIDACE

PARIS Sabão "Veloutine"

Livraria, 2, rue de la Harpe, 2^a Mag. e rua da Velha e Alameda de Lisboa.

Companhia do Papel do Prado

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianinha e Sobretinho (Chomar), Penedo e Casal d' Bemio (Louzã), Valle Mayor (Hibergaria a Velha).

Instaladas para uma producao annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade do papel de machina continua ou redonda e de forma

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endor. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO — PORTO — LISBOA Numero telephonic: 508

Seios

Desenvolvidos, reconstituídos, afirmosados, fortificados com Pilulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratle, Ph. S, Passage Verdau, PARIS. Frasco com instruções, 1\$500 rs. Franco para vale do correio, enviado a J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA

SOCIEDADE DE
SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde Social:

RIO DE JANEIRO

FILIAL EM PORTUGAL: Largo do Camões, 11, 1.º—LISBOA

A Equitativa dos E. U. do Brazil

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

PRESIDENTE: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.*

VICE-PRESIDENTE: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

DIRECTOR CONSULTOR: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, *advogado.*

DIRECTOR MEDICO: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

GERENTE: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sortelo semestral em dinheiro, unicamente adoptado pela **Equitativa**. Dotações de creanças de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

COM 1.000.000 RÉIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto—20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça—20201, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa—20899, José João Telhada, Santarem—20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça—20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz—20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa—20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima—20613, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa—21530, José Antonio Rodrigue., Bombarral—22050, João Garcia Augusto, Estremoz—20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha—21956—(provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede—22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas—21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de TABELLAS DE PREMIOS - PROSPECTOS e outras informações que forem dirigidos á

FILIAL DE

A Equitativa dos E. U. do Brazil

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º—LISBOA